

Nota sobre o sūryanamaskāra e o vinyāsa do yoga moderno

James Mallinson



Nota sobre o *sūryanamaskāra* e o *vinyāsa* do yoga moderno

Autor

James Mallinson

Tradução Inglês-Português

Gabriella de Alarcón Guimarães

São Paulo: Editora Svarupa, 2021



Original em inglês disponível em: <https://soas.academia.edu/JamesMallinson>

É permitida a reprodução parcial do conteúdo deste trabalho e sua difusão, desde que citada a fonte.

Sobre o Sūryanamaskāra e o Vinyāsa do Yoga Moderno

James Mallinson¹

31 de dezembro de 2019

Tradução para o português:
Gabriella de Alarcón Guimarães²

No dia 1º de dezembro de 2016, enviei o comentário abaixo para uma lista de e-mails da seção de Religiões do Sul da Ásia da Academia Americana de Religião, em resposta a um questionamento enviado pela Professora Linda Hess. No melhor do meu conhecimento, o comentário pacificou o assunto na comunidade acadêmica.

Contudo, aparentemente, as afirmações desmistificadas permanecem em circulação, já que eu e outros ainda somos questionados por não-especialistas no assunto. Presumo que devido a uma nova discussão sobre o tema em alguma plataforma *online*, os últimos meses assistiram a um aumento no número desses questionamentos. No passado, respondi a eles simplesmente copiando e colando minha nota à Professora Hess, mas, por causa de tal aumento, foi-me solicitado que tornasse o comentário publicamente disponível, para que pudesse ser referenciado por outras pessoas – esse é o motivo pelo qual escrevo este texto.

Desde que escrevi o comentário, Mark Singleton e eu publicamos um par de notas relacionadas no nosso livro **Raízes do Yoga** [Editora Svarupa: no prelo]; **Roots of Yoga**, Penguin Classics, Notas de Rodapé nº 27, 28, p. 482-483]. Em adição, meu colega Jason Birch coloca pontos relevantes em

¹ Nota da Tradutora: James Mallinson é Professor Sênior em Sânscrito e Civilização Indiana Clássica na SOAS, Universidade de Londres. Sua pesquisa foca a tradição do yoga, em particular os textos, técnicas e praticantes de *haṭhayoga* tradicional. Ele editou e traduziu diversos textos sobre *haṭhayoga* desde seu período de conformação, entre os séculos onze e quinze d.C., e publicou verbetes de enciclopédia e artigos sobre a história do yoga. Seus métodos primários de pesquisa, em adição a filologia, são etnografia e história da arte. Ele passou diversos anos vivendo com ascetas hindus e yogis na Índia e foi honrado com o título de ‘mahant’ pelo Ramanandi Sampradaya no Festival de Kumbh Mela de 2013. Atualmente, ele lidera um projeto de pesquisa de cinco anos de duração, composto por seis integrantes, sobre a história do *haṭhayoga*, financiado pelo Conselho Europeu de Pesquisa, cujas produções incluirão dez edições críticas de textos-chave sobre *haṭhayoga*.

² Agradeço a gentil aquiescência de James Mallinson, que autorizou a tradução deste trabalho.

seu texto “A proliferação de *āsanas* nos textos de yoga do período tardo-medieval”, p. 137-142, publicado no livro **Yoga em Transformação: Perspectivas Históricas e Contemporâneas de um Fenômeno Global** (*Yoga in Transformation: Historical and Contemporary Perspectives on a Global Phenomenon*, Viena, Vandenhoeck & Ruprecht Unipress 2018, disponível para download [aqui](#)).

Re: [RISA-L LIST] história do yoga moderno, debate surya namaskar & vinyasa

Para: +++ LISTA DE DISCUSSÃO ACADÊMICA RISA +++

Querida Linda,

Em 29 de novembro de 2016, às 19:42, Linda Hess <lionda@stanford.edu> escreveu:

Venho utilizando o **Yoga Body** do Singleton para ensinar a história da transferência do Yoga da Índia para o mundo (especialmente para Europa e América) e o modo como as transformações ocorreram.

Acabei de deparar-me com isto <http://indiafacts.org/surya-namaskara-ancient-practice-modern-invention-controversy-textual-evidence>, em que o autor, Christopher Tompkins, argumenta que o Singleton e outros historiadores recentes do yoga estão errados quando afirmam que vinyasa e surya namaskar são inovações recentes:

“A atual controvérsia sobre as antigas raízes da Yoga baseada em Sūrya Namaskāra e em Vinyāsa colocou em questão a própria integridade do Yoga moderno. Em anos recentes, a antiguidade desse tipo de Yoga tem sido rotineiramente negada por acadêmicos ocidentais, que afirmam ter sido fabricado a partir de formas ocidentais de exercícios físicos no início do século 20.

Esta série de artigos demonstrará a evolução do Sūrya Namaskāra como um rito diário da prática de Yoga Tântrico entre os séculos 10 e 19, com base nos meus nove anos de pesquisa em dezenas de trabalhos tântricos negligenciados e não publicados, alguns dos quais encontram-se no meu vídeo “Linha do Tempo Namaskāra”³. Esta série também apresenta

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NQH9bmN9wKI>. Acesso em: 3 de agosto de 2020.

diversos apêndices com um número considerável de trechos anteriormente não documentados do corpus tântrico que chegou a nós.”

I. Isso faz sentido?

Não.

Meus colegas do Projeto Hatha Yoga [Hatha Yoga Project] e eu estamos cientes das afirmações de Tompkins há um ou dois anos. Para nós, enquanto pesquisadores do yoga e do sânscrito, tais afirmações estão claramente em desacordo com as evidências disponíveis. Mas existem diversas alegações infundadas sobre o yoga na internet, de modo que uma pessoa poderia passar a vida inteira dedicando-se a refutá-las. Por isso, decidimos que não responderíamos até que Tompkins tivesse algo publicado num periódico revisado por pares ou algo semelhante. Nós estávamos confiantes de que isso não aconteceria, uma vez que não apenas seus argumentos contradizem as fontes textuais, como também seu trabalho não atinge os parâmetros acadêmicos de referência e seu domínio do sânscrito não está à altura da tarefa que ele designou para si mesmo (para evidências disso, vide abaixo). Mas agora suas afirmações estão sendo ventiladas na RISA – algo bastante revelador sobre os novos canais de disseminação de “conhecimento” oferecidos pela internet – assim, decidi respondê-las brevemente.

Considero problemática boa parte do que Tompkins escreve no referido artigo da revista, inclusive seu argumento-espantoso de que o yoga moderno é considerado “fabricado a partir de formas de exercício ocidentais no início do século 20” (nem Singleton, nem eu, nem qualquer pesquisador do yoga moderno que eu conheço afirmou algo do gênero). Aqui, vou endereçar apenas o que aparenta ser seu ponto central, a saber, que ele encontrou em *tantras* datados do século dez d.C. evidências de uma prática como o *sūryanamaskāra* onipresente no globalizado yoga moderno, i.e., uma sequência de doze poses performadas em adoração ao sol.

Quando as alegações de Tompkins apareceram pela primeira vez na internet, ficou imediatamente claro para mim que a narrativa em geral não era convincente, mas tinha uma parte dela que fisionomizou meu interesse. Segundo meu conhecimento, a única menção de *sūryanamaskāra* num texto de yoga pré-moderno encontra-se no *Jyotsnā* (1.837 d.C.) – comentário de Brahmānanda ao *Haṭhapradīpikā*, I.61 -, no qual Brahmānanda afirma que fazer muitos *sūryanamaskāras* (ou muitos levantamentos de peso) é nocivo ao corpo. Por conta de suas afirmações, imaginei que Tompkins teria encontrado uma referência anterior ao *sūryanamaskāra*, mas, do que consta de suas diversas

afirmações *online*, não encontro nenhuma referência textual para verificar. Ele listou algumas fontes numa página de internet como um “apêndice”. De modo algum elas fundamentam seus argumentos. Há cerca de vinte trechos, nenhum dos quais é extraído de um texto de yoga ou de uma seção de yoga de um texto; nenhum dos quais menciona o sol; e nenhum dos quais ensina qualquer coisa além do ato devocional de prostrar-se como um bastão (*daṇḍavat*) com oito partes do corpo [tocando o solo] (*aṣṭāṅgena* etc.). Aqui está um dos seus exemplos, extraído do *Pārameśvarasaṃhitā*:

stutvā ca pranamed vipra aṣṭāṅgenātha daṇḍavat | 7.146

Minha tradução: “E após cantar louvores, ó brahmin, ele deve prostrar-se como um bastão com oito partes do corpo [tocando o chão].”

Prostrações como essas são ensinadas numa ampla gama de textos tão antigos quanto, pelo menos, o *Mahābhārata* (4.64.5 *praṇamya pādayor asya daṇḍavat kṣitimaṇḍale*). Existe uma boa pesquisa no *Haribhaktivilāsa* 8.357-392.

As alegações de Tompkins dependem do seguinte argumento de seu artigo: “há mais de 1000 anos o epíteto preeminente da prática yóguica de Sūrya Namaskāra foi Daṇḍavat, literalmente ‘[uma sequência] constituída de posturas de *daṇḍa*’.” Apesar da ausência de evidências corroborando tal afirmação, ele infere da palavra *daṇḍavat* que as prostrações ensinadas nas passagens por ele citadas incluem as doze posturas do moderno *sūryanamaskāra*. Isso é, na melhor das hipóteses, implausível; é, na realidade, impossível em ambos os aspectos semântico e gramatical. A palavra *daṇḍa* nunca significa uma postura física nos textos sânscritos pré-modernos. A palavra em hindi *daṇḍ*, que se refere a um tipo de exercício de pressão, é provavelmente uma contração do *daṇḍavat* sânscrito. E a palavra sânscrita *daṇḍavat* é o neutro acusativo singular de *daṇḍavant*, aqui utilizado como um advérbio de comparação, do modo como as formas em *-vat* muito comumente são. Nessas passagens, *daṇḍavat* significa “como um bastão”. Se, como Tompkins afirma, significasse “constituído de posturas de *danda*”, [o gênero] teria que concordar com o substantivo que está descrevendo, ou a prostração ou o yogi, e portanto teria as formas *daṇḍavān*, *daṇḍavantam* etc. etc. (ambos *praṇāma* e *namaskāra* – bem como *yogin* – são substantivos masculinos). Àqueles que não sabem sânscrito, permitam-me enfatizar que isto não é um deboche pedante e reiterar meu ponto: em todas as passagens citadas por Tompkins que contêm a palavra *daṇḍavat*, ela apenas

pode significar “como um bastão” e sugerir o contrário revela um pobre conhecimento do sânscrito.

As alegações de Tompkins significaram que eu tive o tempo de olhar adequadamente para práticas do tipo do *sūryanamaskāra* em textos pré-modernos e estou agora mais confiante de que elas não constam nesses textos. Em relação ao tema do uso em algumas escolas de yoga moderno do termo *vinyāsa* para descrever posturas de transição em sequências de *āsanas*, e sua ausência em fontes pré-modernas, veja o blog⁴ de Jason Birch e Jacqueline Hargreaves.

II. Eu realmente gosto do livro de Singleton e não quero pular nenhuma das etapas da história, mas é muita leitura para o meu curso de curta duração. Alguma sugestão de onde eu poderia obter informação similar em menos páginas?

SINGLETON, Mark. 2016. “Yoga and physical culture: Transnational history and blurred discursive contexts”. In Knut A. JACOBSEN, ed. *Routledge Handbook of Contemporary India*, 172-84. Abingdon: Routledge.

Atenciosamente,

Jim

⁴ <http://theluminescent.blogspot.co.uk/2016/07/vinyasa-medieval-and-modern-meanings.html>.



@svarupa.editorayoga